

RANSOM RIGGS



—  —

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

==== PARA =====

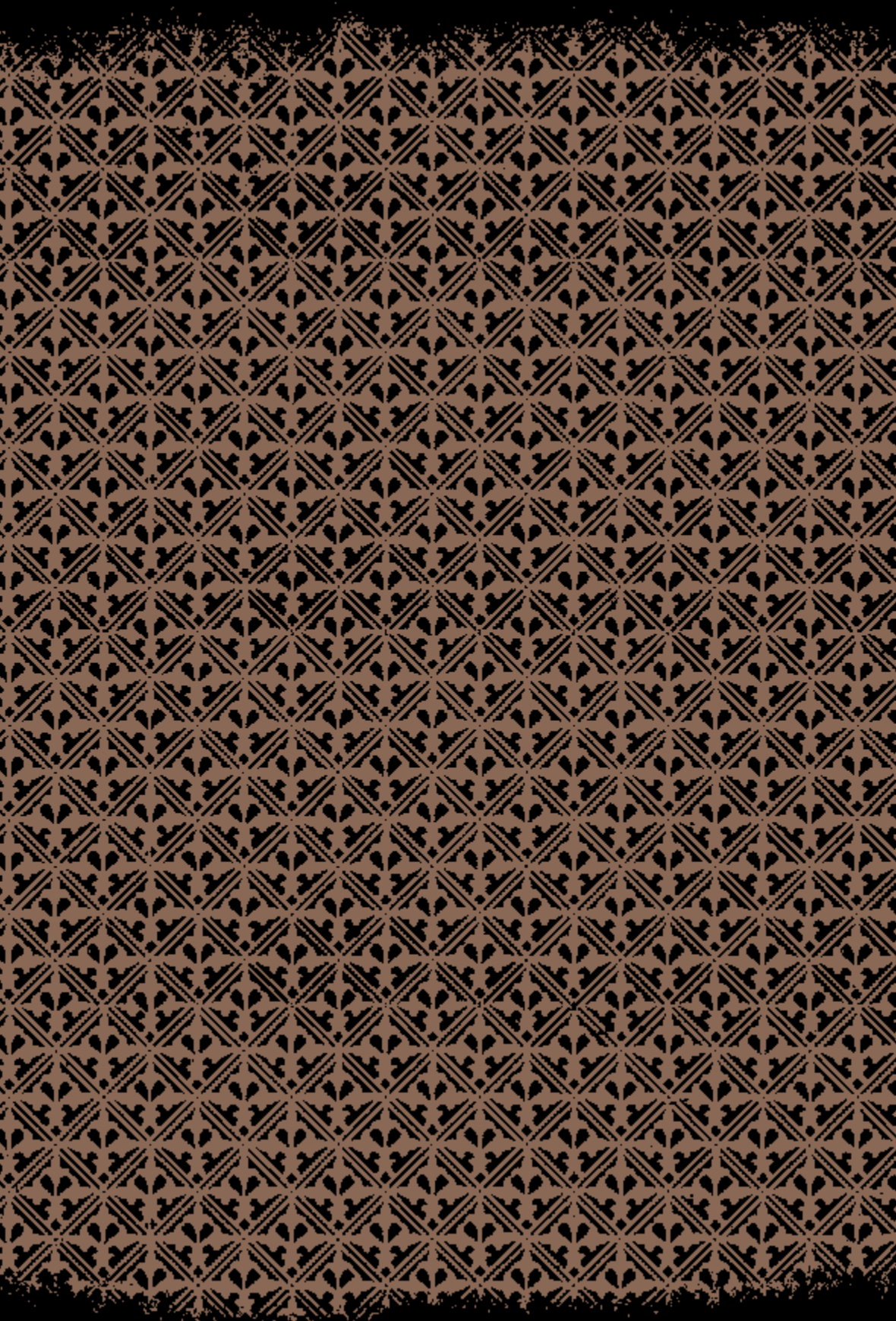
CRIANÇAS PECULIARES

—  —  —



O LAR DA SRTA. PEREGRINE
— PARA —
CRIANÇAS PECULIARES







RANSOM RIGGS

——
O LAR DA SRTA. PEREGRINE

==== PARA ====

CRIANÇAS PECULIARES

———

Tradução de Ângelo Lessa



Copyright © 2011 by Ransom Riggs
Copyright do trecho de *Cidade dos etéreos* © 2013 by Ransom Riggs
Copyright da entrevista © 2013 by Quirk Productions, Inc.
Todos os direitos reservados. Publicado originalmente em inglês pela
Quirk Books, Filadélfia, Pensilvânia, mediante acordo com a Ute Körner
Literary Agent, S.L., Barcelona. www.uklitag.com

TÍTULO ORIGINAL

Miss Peregrine's Home for Peculiar Children

REVISÃO

Giuliana Alonso
Luiz Felipe Fonseca

ARTE DE CAPA E PROJETO GRÁFICO

Doogie Horner

FOTO DE CAPA

Cortesia de Yefim Tovbis

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

ADAPTAÇÃO DE IMAGENS

ô de casa

Trechos de Ralph Waldo Emerson usados em tradução livre.

Trecho de *Cidade dos etéreos* traduzido por Fernando Carvalho.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R426L

Riggs, Ransom

O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares / Ransom Riggs ;
tradução Ângelo Lessa. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

352 p. : il. ; 23 cm. (O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares)

Tradução de: Miss Peregrine's home for peculiar children

Continua com: Cidade dos etéreos

ISBN 978-85-510-0068-7

1. Ficção americana. I. Lessa, Ângelo. II. Título. III. Série.

16-35679

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Sono não é, morte não é;
Quem parece morrer, vive.
A casa em que nasceste,
Os amigos de tua primavera.
Ancião e donzela,
O trabalho diário e sua recompensa,
Tudo desvanece,
Refugia-se em fábulas.
Não podem receber amarras.

Ralph Waldo Emerson



PRÓLOGO

Eu tinha acabado de aceitar que minha vida seria banal quando eventos extraordinários começaram a acontecer. O primeiro deles me causou um choque tremendo e, como tudo que nos transforma para sempre, dividiu minha vida em duas partes: o Antes e o Depois. Do mesmo modo que muitos dos outros eventos extraordinários que estavam por vir, esse primeiro envolvia meu avô, Abraham Portman.

Durante toda a minha infância, vovô Portman foi a pessoa mais fascinante do meu mundo. Ele tinha morado num orfanato, lutado em guerras, atravessado oceanos em navios a vapor, cruzado desertos a cavalo e trabalhado como artista de circo. Ele sabia tudo sobre armas, defesa pessoal e sobrevivência na natureza, além de falar pelo menos outros três idiomas. Tudo isso parecia inexplicavelmente exótico para uma criança que sequer tinha saído da Flórida. Sempre que o via, eu insistia para que me brindasse com mais histórias, e ele sempre cedia, contando-as como se fossem segredos que só podia confiar a mim.

Aos seis anos, concluí que precisava me tornar explorador caso quisesse ter uma vida emocionante como a que meu avô tivera, ou ao menos o mais próximo disso. E ele me encorajou a isso. Passava tardes examinando mapas-múndi comigo, imaginando expedições cujo trajeto marcava com alfinetes de cabeça vermelha no atlas e descrevendo os lugares fantásticos que um dia eu descobriria. Em casa, eu expressava minhas ambições andando de lá para cá com um binóculo de papelão e gritando “Terra à vista!”, ou “Preparar para desembarque!”, até meus pais me enxotarem para o quintal. Acho que eles temiam que meu avô me infectasse com seus devaneios incuráveis e que essas fantasias atuassem como uma vacina danosa, anulando ambições mais práticas. Minha mãe um dia se sentou comigo e me explicou que eu não poderia me tornar explorador porque todos os cantos do mundo já haviam sido descobertos. Eu nascera no século errado, e me senti traído.



E fui me sentindo ainda mais traído à medida que me dava conta de como grande parte das histórias do meu avô era irreal. As narrativas mais fantásticas sempre se passavam durante sua infância. Ele contava, por exemplo, que tinha nascido na Polônia e que aos doze anos fora enviado a um lar para crianças no País de Gales. Quando eu perguntava por que ele havia abandonado os pais, a resposta era sempre a mesma: para fugir dos monstros. A Polônia, segundo vovô, estava infestada deles.

— Que *tipo* de monstros? — perguntava eu, com os olhos arregalados em puro fascínio.

Nosso diálogo já era quase rotina.

— Monstros horríveis, corcundas, com a pele apodrecida e os olhos pretos. Eles andavam assim!

E vovô ia arrastando os pés na minha direção como os monstros dos filmes antigos, até que eu começava a rir e saía correndo.

A cada vez que essa conversa se repetia, vovô acrescentava novos detalhes: os monstros fediam a lixo em putrefação; eram invisíveis, sua aproximação anunciada apenas por sua sombra; em vez de língua, tinham um monte de tentáculos que se retorciam dentro da boca e que eles lançavam como um chicote num piscar de olhos, tragando a pessoa para ser triturada por suas poderosas mandíbulas. Depois de muito ouvir essas mirabolantes descrições, comecei a ter dificuldade para dormir. Minha imaginação fértil transformava o ruído banal de pneus no asfalto molhado numa respiração pesada junto à minha janela, ou sombras debaixo da porta viravam tentáculos escuros que se contorciam. Mas, embora tivesse medo dos monstros, eu me empolgava ao imaginar meu avô lutando contra aquelas criaturas assustadoras e sobrevivendo para contar a história.

Ainda mais fantásticas eram suas histórias sobre como as crianças passavam os dias no lar. Era um lugar encantado, dizia ele, projetado para mantê-las a salvo dos monstros, numa ilha onde o sol brilhava todo dia e ninguém ficava doente nem morria. Todos moravam juntos num casarão protegido por um pássaro muito velho e sábio. Pelo menos era o que ele contava. Com o passar dos anos, comecei a duvidar de tudo aquilo.

— Mas que tipo de pássaro era esse? — perguntei certo dia.

Eu tinha sete anos e o encarava com um olhar cético naquele momento, do outro lado do tabuleiro de Banco Imobiliário (que vovô estava me deixando ganhar).



— Um falcão enorme que fumava um cachimbo — respondeu ele.

— Você deve achar que eu sou bobo, vovô.

Ele contou calmamente o maço cada vez menor de pequenas notas azuis e amarelas do jogo.

— Eu nunca pensaria isso de você, Yakob.

Percebi que o havia ofendido ao detectar o sotaque polonês do qual ele nunca conseguiu se livrar por completo. *Pensaria*, por exemplo, virava *pezaria* e *você* virava *vozê*. Sentindo-me culpado por conta disso, eu lhe dei o benefício da dúvida.

— Mas por que os monstros estavam atrás de vocês?

— Porque não éramos como as outras pessoas. Éramos peculiares — respondeu ele.

— O que vocês tinham de peculiar?

— Ah, todo tipo de coisa. Tinha uma menina que voava, um menino com abelhas dentro do corpo, um casal de irmãos que conseguia levantar pedregulhos acima da cabeça...

Eu não conseguia definir se ele estava falando sério. Se bem que, pensando bem, meu avô não era muito de contar piadas. Ele fez cara feia ao notar minha expressão de desconfiança.

— Tudo bem. Já que você não acredita no que eu digo, eu tenho fotos para provar!

Ele se levantou e entrou em casa, me deixando sozinho na varanda, e voltou um minuto depois com uma caixa de charutos velha. Eu me inclinei para a frente enquanto meu avô pegava da caixa quatro retratos amassados e bastante amarelados.

O primeiro parecia um conjunto de roupas flutuante, sem ninguém dentro. Ou isso, ou a pessoa não tinha cabeça.

— Claro que ele tem cabeça! — exclamou meu avô, com um sorriso. — Só não dá para ver.

— Por quê? Ele é invisível?

— Mas olha só como você é inteligente! — Ele ergueu as sobrancelhas como se eu o tivesse surpreendido com minha capacidade de dedução. — Esse era Millard. Garoto engraçado. Às vezes ele chegava para mim e dizia: “Oi, Abe. Eu sei o que você fez hoje” e começava a dizer aonde eu tinha ido, o que tinha comido, se tinha tirado meleca quando ninguém estava olhando. Às vezes ele tirava toda a roupa para ninguém o ver e seguia a gente, sem fazer barulho

nenhum. Ficava só observando! — Vovô balançou a cabeça. — Tanta coisa melhor para fazer, não acha?

Meu avô me entregou outra foto e esperou enquanto eu a observava por alguns instantes.

— E então? O que está vendo aí?

— Uma menina.

— E...?

— Uma menina com uma coroa.

— E quanto aos pés dela? — perguntou ele, batendo com o dedo na parte inferior do retrato.

Aproximei a foto do rosto e vi: os pés da menina não tocavam o chão. Mas ela não estava pulando... Parecia flutuar.

Fiquei boquiaberto.

— Ela está voando!

— Quase isso. Está levitando. O problema era que ela não conseguia se controlar muito bem, então às vezes tínhamos que amarrar uma corda na cintura dessa menina para ela não sair voando!

Meus olhos estavam grudados no assustador rosto de boneca da menina.

— Isso é de verdade?

— Claro que é — respondeu meu avô, de um jeito meio brusco. Ele tomou a foto da minha mão e me deu uma terceira, que mostrava um garoto magricela levantando um pedregulho. — Victor e a irmã não eram lá muito inteligentes, mas, rapaz, como eram fortes!

— Ele não parece forte... — comentei, reparando nos braços magros do garoto.

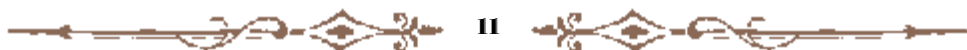
— Pois acredite: ele era. Teve uma vez que disputamos uma queda de braço e ele quase arrancou minha mão!

No entanto, a fotografia mais estranha era a última, que mostrava uma cabeça com um segundo rosto pintado na parte de trás.

— Ele tinha duas bocas, está vendo? Uma na frente e outra atrás — explicou meu avô, enquanto eu observava a foto com atenção. — Por isso ficou tão grande e gordo!

— Mas é de mentira. O rosto da foto é pintado.

— A *pintura* é de mentira, claro — respondeu vovô. — Era para um espetáculo de circo que ele fazia. Mas estou dizendo, ele tinha duas bocas! Não acredita em mim?











Fiquei pensando enquanto olhava para as imagens e para meu avô. O rosto dele transmitia tanta sinceridade, tanta franqueza! Que motivos ele teria para mentir?

— Eu acredito — respondi.

E realmente acreditei, pelo menos por mais alguns anos. Em grande parte, eu nutria essa crença mais por vontade própria, do mesmo jeito que as outras crianças da minha idade queriam acreditar no Papai Noel. Tendemos a nos apegar aos contos de fadas até a fantasia cobrar um preço alto demais — o que, para mim, aconteceu no segundo ano, no dia em que Robbie Jensen arriou minha calça na frente de uma mesa cheia de garotas e disse que eu acreditava em fadas.

Acho que tive o que mereci por repetir para os meus colegas na escola as histórias que eu ouvia em casa. Durante aqueles segundos humilhantes, presenti que o apelido Fadinha me acompanharia por alguns anos, e, embora eu não tivesse razão para tanto, aquilo despertou em mim um ressentimento para com meu avô.

Ele foi me buscar na escola naquela tarde, como fazia sempre que meus pais ficavam presos no trabalho. Entrei no carro velho que ele dirigia e anunciei que não acreditava mais nas invenções dele.

— Que invenções? — perguntou vovô, me encarando por cima da lente dos óculos.

— Você sabe. Aquelas histórias. Sobre crianças e monstros.

Ele parecia não entender.

— E quem foi que falou que são invenções?

Respondi que histórias inventadas e contos de fadas eram a mesma coisa, que contos de fadas eram bobagens que se contam para criancinhas bobas que ainda fazem xixi na cama e que aquelas fotos que ele tinha me mostrado eram obviamente falsas. Depois de tudo isso, achei que vovô fosse ficar irritado ou discutir, mas não.

— Tudo bem — disse ele, e então deu partida no carro, pisando fundo no acelerador.

Demos o fora dali. Fim de papo.

Vovô já devia imaginar que aquilo aconteceria mais cedo ou mais tarde. Em algum momento eu não teria mais idade para embarcar naquelas fantasias. Mas ele deixou o assunto de lado tão depressa que tive a impressão de que estava mentindo. Eu não conseguia entender por que ele tinha inventado aquilo tudo,

me levado a crer que pessoas e vidas extraordinárias eram possíveis quando não eram.

Somente anos depois meu pai me explicou que, quando ele próprio era criança, ouvira as mesmas histórias de vovô Portman, e que não eram propriamente falsas ou inventadas, mas versões exageradas dos eventos reais — porque a infância de meu avô nada tivera de conto de fadas. Tinha sido uma história de terror.

Meu avô foi o único da família a conseguir fugir da Polônia antes que eclodisse a Segunda Grande Guerra. Ele tinha doze anos, o caçula, quando os pais o enviaram à Grã-Bretanha com apenas uma mala e a roupa do corpo, para viver com estranhos.

Seria uma viagem sem volta. Ele nunca mais viu os pais, nem os irmãos, primos e tios. Quando completou dezesseis anos, todos já tinham sido mortos, assassinados por monstros dos quais ele havia escapado por um triz. Mas esses monstros não eram as criaturas com tentáculos e pele em putrefação (do tipo que uma criança de sete anos consegue compreender); eram monstros com rosto humano, em uniformes impecáveis, que marchavam em fileiras cerradas e pareciam pessoas perfeitamente comuns — tão comuns que sua verdadeira natureza só foi descoberta quando era tarde demais.

Assim como os monstros, a história da ilha encantada também era uma verdade disfarçada. Comparado aos horrores que assolavam a Europa continental, o lar para crianças que acolheu meu avô devia parecer um paraíso. Por isso, era assim que ele o descrevia: um porto seguro, um lugar em que os verões eram intermináveis, habitado por anjos da guarda e crianças mágicas que, é claro, não eram *de fato* capazes de voar, ficar invisíveis ou levantar pedregulhos com uma mão só. A peculiaridade que as tornava alvos dos monstros era o simples fato de serem judias. Eram órfãs de guerra, levadas àquela ilha distante por uma maré de sangue. Elas não eram extraordinárias porque tinham poderes; o fato de terem escapado dos guetos e das câmaras de gás já era um milagre por si só.

Depois de entender isso, parei de pedir a meu avô que me contasse aquelas histórias. E acho que, embora não admitisse, ele se sentiu aliviado. Um ar de mistério passou a cercar os detalhes de sua infância, e eu não toquei mais no assunto. Ele vivera um inferno e tinha o direito de guardar seus segredos. Fiquei envergonhado por ter passado tanto tempo invejando sua vida, levando-se em conta o preço que ele pagara por aquelas “aventuras”, e tentei ser grato

por minha existência segura e nada extraordinária que eu não tinha feito nada para merecer.

Até que, tempos depois, quando eu tinha quinze anos, algo terrível e realmente extraordinário aconteceu, e foi então que tudo se dividiu em Antes e Depois.



“Tenso, emocionante e maravilhosamente estranho (...) As fotografias e o texto se combinam de forma brilhante, criando uma história inesquecível.”

— JOHN GREEN, autor de *A culpa é das estrelas*

ISBN 978-85-510-0068-7



9 788551 000687

www.intrinseca.com.br